Iluminação

Romance Espiritualista

João Alberto de Faria e Araújo
2ª Edição Revista

2025

Copyright©2016 João Alberto de Faria e Araújo
Todos os direitos reservados
Capa
Stephan Fey
Revisão
João Alberto de Faria e Araújo
Editoração eletrônica
AlphaGraphics
Publicação
Clube de Autores
https://clubedeautores.com.br/books
1ª Edição 2012
2ª Edição 2025 Revista
227 Pgs 14,8 x 21

Araújo, João Alberto de Faria e
Iluminação / João Alberto de Faria e Araújo,
Joinville – SC
Clube de Autores 2016 – Código: 219638

1. Causa e Efeito 2. Espiritismo 3. Reencarnação
4. Religião 5. Romance

Clube de Autores 2016

Sumário

Apresentação 9
Introdução 13
Navio Negreiro 19
Um pouco de história 31
Brasil Colônia 37
A face do mal 43
Longo estágio 53
No astral superior 59
Despertar 69
A hora da verdade 81
O caso de Antônio 95
Nas Câmaras de Retificação 109
Decisiva assembleia 125
Novas deliberações 139
No orbe 149
Duras provas 163
Iluminação 183
Citações 195
Extras 213

Agradeço à minha família, aos companheiros de jornada na carne e a todos os amigos espirituais, que com sua inesgotável paciência, têm-me suportado em mais esta vivência no orbe terrestre.

Apresentação

A escravatura não se deu exclusivamente no momento histórico abordado nesta obra. Há diversos outros processos de cerceamento das liberdades com os quais ainda nos deparamos nos nossos dias, e podem ser comumente encontrados na família pela prática do despotismo; em vários segmentos religiosos cujos dirigentes alienam mentes cobiçando manipulá-las tendo em vista interesses ilícitos; nas relações de trabalho onde a submissão é disfarçadamente solicitada sob a ameaça velada do desemprego; no meio político quando no asilo a instâncias escusas; no terrorismo psicológico que ameaça o equilíbrio e a harmonia da psique de uma pessoa, um grupo ou de toda uma sociedade, dentre muitos outros modos.

Em todas essas abomináveis ocasiões, quaisquer que elas sejam, o atemorizador e repreensível pensamento hermético estão presentes visando atender, unicamente, ao chamamento do orgulho e do egoísmo, convidando seus partidários a prática de inúmeras atitudes viciosas e criminosas, que por sua vez, os arremessam à casa da

insensibilidade e da dureza de seus corações fazendo-os desprezar os valores sublimes e inextinguíveis, que pertencem ao arcabouço intransferível e magnificente do espírito.

“Iluminação” é um romance espiritualista baseado em fatos, a partir de informações extraídas dos relatos de confrades espíritas e da própria personagem que inspirou esta obra e que trata de dois momentos da trajetória espiritual de Jandira iniciando-se nos tristes tempos da escravidão alcançando nossos dias.

Tal narrativa, em nenhuma circunstância, significa que sua caminhada no planeta tenha principiado àquela época. É apenas um dado período de sua longa jornada neste mundo celestial.

Utilizando-se de várias referências para compor breves cenários da realidade escravagista do Brasil Colônia do Século XVIII, o autor os entremeia com registros de vida de nossa querida e estimada amiga ao tempo da escravidão e enquanto nos círculos da carne no século passado.

O presente livro pretende, de modo simples e objetivo,

elucidar pensamentos em torno do processo de busca pela verdadeira e categórica libertação com a aquisição de inestimáveis e peremptórios tesouros que ninguém poderá usurpar.

João Alberto de Faria e Araújo

Introdução

A escravidão no Brasil pela ótica espírita [1]

Cap.V - "Os Escravos”

Ismael, triste, confidenciou a Jesus...

-"Senhor - sinto dificuldades em fazer que prevaleçam os vossos desígnios nos territórios onde pairam as vossas bênçãos que santificastes. A civilização, que ali se inicia acaba de ser contaminada por lamentáveis acontecimentos. Os donatários dos imensos latifúndios, fizeram-se a vela, escravizando os negros indefesos da Luanda, da Guiné e da Angola. Infelizmente, os pobres cativos, chegam à pátria do vosso Evangelho, como se fossem animais bravios e selvagens,sem coração e sem consciência".

Jesus, cingindo-o ao seu coração, esclareceu brandamente:

- "Ismael, acalma o teu mundo íntimo no cumprimento dos sagrados deveres que te foram confiados. Bem sabes que os homens têm a sua responsabilidade pessoal nos feitos que realizam em suas existências isoladas e coletivas. Se não podemos tolher-lhes ai a liberdade, também não podemos esquecer que existe o instituto imortal da justiça divina, onde cada qual receberá de conformidade com os seus atos.

Havia eu determinado que a Terra do Cruzeiro se povoasse de raças humildes do planeta, buscando-se a colaboração dos povos sofredores das regiões africanas, todavia aproximei Portugal daquelas raças sem violência de qualquer natureza.

A colaboração, deveria verificar-se sem abalos perniciosos, no capítulo de minhas amorosas determinações.

O homem branco da Europa está prejudicado por uma educação espiritual condenável e deficiente.

Desejando entregar-se ao prazer fictício dos sentidos, procura eximir-se aos trabalhos pesados da agricultura, alegando o pretexto de climas impiedosos.

Eles terão a liberdade de humilhar os seus irmãos, em face da grande Lei do Arbítrio embora limitado.

Entretanto, os que praticarem o nefando comércio, sofrerão igualmente o mesmo martírio, nos dias do futuro, quando forem também vendidos e flagelados em identidade de circunstâncias.

Na sua sede nociva de gozo, os homens brancos ainda não perceberam que a evolução se processa pela prática do bem e que todo o determinismo de Nosso Pai deve assinalar-se pelo 'amai o próximo como a vós mesmos'.

Ignoram voluntariamente que o mal gera outros males com um largo cortejo de sofrimentos. Contudo, através dessas linhas tortuosas, impostas pela vontade livre das criaturas humanas, operarei com a minha misericórdia. Colocarei a minha luz sobre essas sombras, amenizando tão dolorosas crueldades.

Prossegue com as tuas renúncias em favor do Evangelho e confia na vitória da Providência Divina.

Infelizmente Portugal, que representa um agrupamento de espíritos trabalhadores, remanescentes dos antigos

fenícios, não soube receber as facilidades que a misericórdia do Supremo Senhor do Universo lhe outorgou. Até meus ouvidos tem chegado as súplicas dolorosas das raças flageladas.

Na velha Península, já não existe o povo mais nobre e laborioso da Europa. O luxo das conquistas lhes amoleceu as fibras criadoras. Entretanto é o tempo o grande Mestre de todos os homens e de todos os Povos, esse não nos é possível cercear o livre arbítrio das almas, poderemos mudar o curso dos acontecimentos, a fim de que o povo lusitano aprenda, na dor e na miséria as lições sagradas da experiência e da vida.

E assim os donatários cruéis sofrerão os mais tristes reveses no solo do Brasil. Os tesouros das Índias, levarão o povo português a decadência e a miséria. A casa de Avis, sob cujo reinado se iniciou o tráfico hediondo, desapareceu para sempre, depois de sucessivos desastres. (...)

Os filhos da África foram humilhados e abatidos, no solo onde floresciam as suas bênçãos renovadoras e santificantes; o Senhor, porém, lhes sustentou o

coração oprimido, iluminando o calvário dos seus indizíveis padecimentos com a lâmpada suave do seu inesgotável amor."

Através das linhas tortuosas dos homens, realizou Jesus os seus grandes e benditos objetivos, porque os negros das Costas Africanas, foram uma das pedras angulares do movimento Evangélico do Coração do Mundo. Sobre seus ombros flagelados, carrearam-se quase todos os elementos materiais para a organização física do Brasil e do manancial de humildade dos seus corações resignados e tristes, nasceram as lições comovedoras, imunizando todos os espíritos, contra os excessos do imperialismo e do orgulho injustificáveis das outras nações do Planeta, dotando-se a alma brasileira dos mais belos sentimentos de fraternidade, de ternura e de perdão.

(livro "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", de autoria de Humberto de Campos, psicografado pelo médium Chico Xavier)

Navio Negreiro

Castro Alves

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o
espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o
firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia

Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir... .
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos